



FACULDADE VIASAPIENS – FVS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DIREITO

ANTÔNIA IARA VIEIRA LIMA

**O AUMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Orientador(a): Prof. Esp. Tiago Oliveira Freire Carneiro

Tianguá – CE

2023.2

ANTÔNIA IARA VIEIRA LIMA

O AUMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Monografia apresentada a Faculdade
ViaSapiens – FVS como requisito parcial para
a obtenção do título de Bacharel em Direito.

Orientador(a): Professor (a) : Prof. Esp. Tiago
Oliveira Freire Carneiro

Orientador metodológico: Professor Esp.
Francisco Danilo de Souza Gomes.

Tianguá – CE

2023.2

FACULDADE VIASAPIENS – FVS
ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DO CURSO DE DIREITO

Em 23 de novembro de 2023, às 17:00 h, no Auditório 02 da Faculdade ViaSapiens, de modo presencial, compareceram para a DEFESA PÚBLICA DE MONOGRAFIA do curso de graduação Direito, requisito obrigatório para a obtenção da aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, o(a) aluno(a): **ANTÔNIA IARA VIEIRA LIMA**, tendo como título do Trabalho **O AUMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE A PANDEMIA**, e os professores que constituíram a Banca Examinadora:

- a) Professor(a)-orientador(a): Prof. Esp. Tiago Oliveira Freire Carneiro;
- b) Professor(a)-examinador(a): Profa. Esp. Emanuela Brito de Oliveira;
- c) Professor(a)-examinador(a): Profa. Esp. Fernanda Darise Alves de Aguiar.

Após a apresentação da Monografia e as observações dos membros da banca avaliadora, ficou definido que o trabalho foi APROVADO, com média 10, a partir das seguintes notas:

EXAMINADOR(A)	NOTA	VISTO
Prof. Esp. Tiago Oliveira Freire Carneiro	10	<i>Tiago</i>
Prof. Esp. Emanuela Brito de Oliveira	10	<i>Emanuela</i>
Prof. Esp. Fernanda Darise Alves de Aguiar.	10	<i>Fernanda</i>

Eu, **Tiago Oliveira Freire Carneiro**, professor(a)-orientador(a), lavrei a presente ata, que segue assinada por mim e pelos demais membros da Banca Examinadora.

Reformulações:

- Não.
- Sugeridas
- Exigidas

Tiago

Professor(a) Esp. Tiago Oliveira Freire Carneiro
Orientador(a)

Fernanda Darise Alves de Aguiar

Professor(a) Esp. Fernanda Darise Alves de Aguiar.
Examinador(a)

Emanuela Brito de Oliveira

Professor(a) Esp. Emanuela Brito de Oliveira
Examinador(a)

Antônia Iara Vieira Lima

Antônia Iara Vieira Lima – ALUNO (A)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Faculdade ViaSapiens
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V657a

Vieira Lima , Antônia Iara .

O aumento dos casos de violência doméstica durante a pandemia :
Uma revisão bibliográfica / Antônia Iara Vieira Lima - 2023.
44 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Faculdade ViaSapiens,
Direito Penal e Processo Penal. Tianguá. 2023

Orientação: Prof(a) Tiago Oliveira Freire Carneiro

1. O AUMENTO DOS CASOS . 2. De violência doméstica . 3.
Durante a pandemia . 4. Uma revisão . 5. Bibliografica . I. Titulo.

CDD 000.5

À Deus Todo Poderoso, fonte de vida e esperança; à minha mãe Mara e a minha avó Luiza Moreira que me deram força e coragem para que eu concluísse mais uma etapa em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, fonte de todo o conhecimento e sabedoria, que me guiou durante todo o percurso dentro e fora da vida acadêmica, de onde tirei as forças para seguir em frente mesmo com o caminho tortuoso e que parecia muito distante e sem ele não teria chegado até aqui.

Agradeço imensamente a minha mãe Mara da Silva Vieira, por ser fonte de inspiração, amor, incentivo e força, sempre acreditando em mim mesmo nos momentos em que eu achava que não conseguiria.

Agradeço a minha avó Luiza Moreira da Silva Vieira, por sempre ter o sonho de me ver formada e vencendo na vida, e por ser para mim um grande exemplo de mulher forte e determinada a qual faz parte da minha “torcida”.

Agradeço ao meu pai Antônio José Alves de Lima, por ter contribuído para que eu chegasse até aqui.

Agradeço ao meu namorado Caio Fernandes Lima, que com sua tranquilidade e companheirismo, me encorajava a continuar nesta luta.

Agradeço as minhas queridas amigas de turma, que tive o prazer de conhecer durante este percurso, Leuana Tomaz e Raiane Matos, obrigada pela amizade, parceria, apoio e compartilhamentos de conhecimentos, aflições, alegrias e vitórias.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Tiago Oliveira pela sua disponibilidade, paciência e atenção durante estes meses, sempre me orientando e humildemente compartilhando seus conhecimentos e experiências.

Agradeço, ainda, ao Dr. Mario Augusto Soeiro Machado Filho, Promotor de Justiça, e a Dra. Mônia Dantas de Macêdo, Promotora de Justiça, exemplos a serem seguidos tanto na área profissional quanto na seara pessoal, que me receberam como estagiária na promotoria de justiça de Ibiapina, com quem aprendi bastante.

Agradeço a todos os meus professores, que facilitaram a minha aprendizagem, que sem eles não teria a disseminação do conhecimento.

Por fim, agradeço a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para o meu crescimento acadêmico, profissional e pessoal no decorrer desses cinco anos.

*“A violência, seja qual for a maneira como
ela se manifesta, é sempre uma derrota”.*
(Jean – Paul Sartre)

RESUMO

A pandemia da COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020, provocou uma série de impactos nas dinâmicas sociais e de saúde pública. Além das preocupações com a disseminação do vírus, evidências em todo o mundo indicam um aumento preocupante dos casos de violência doméstica durante o período de confinamento e medidas de distanciamento social. O objetivo deste estudo é investigar o aumento dos casos de violência doméstica durante a pandemia da COVID-19, compreendendo as dinâmicas desse fenômeno, seus fatores desencadeantes e as estratégias de enfrentamento. A questão problema do estudo é: Qual foi o impacto da pandemia da COVID-19 nos casos de violência doméstica? O estudo adotou revisão bibliográfica da literatura envolvendo a identificação de fontes relevantes de pesquisa. Para isso, foi realizada uma pesquisa ampla e sistemática em bases de dados acadêmicas, como PubMed, Scopus, Web of Science e Google Scholar. Os resultados indicam um aumento significativo dos casos de violência doméstica durante a pandemia da COVID-19. O isolamento social, o estresse econômico e a convivência prolongada em ambientes domésticos tensos foram identificados como fatores contribuintes. Além disso, as entrevistas revelaram a necessidade de fortalecimento dos serviços de apoio e proteção às vítimas. A pandemia da COVID-19 teve um impacto substancial no aumento dos casos de violência doméstica. Para enfrentar essa questão, é fundamental fortalecer os serviços de assistência e prevenção, além de conscientizar a comunidade sobre os sinais de violência e a importância da denúncia. Este estudo destaca a urgência de abordar a violência doméstica como parte da resposta à pandemia e ressalta a necessidade de ações coordenadas entre autoridades locais, serviços de saúde e organizações da sociedade civil.

Palavras-chave: COVID-19; pandemia; violência doméstica; isolamento social.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic, declared by the World Health Organization in March 2020, has had a profound impact on social and public health dynamics. In addition to concerns about the virus's spread, evidence from around the world indicates a troubling increase in domestic violence cases during periods of lockdown and social distancing measures. The objective of this study is to investigate the rise in domestic violence cases during the COVID-19 pandemic, comprehending the dynamics of this phenomenon, its triggering factors, and coping strategies. The research question of this study is: What was the impact of the COVID-19 pandemic on domestic violence cases? The study employed a literature review involving the identification of relevant research sources. To accomplish this, a comprehensive and systematic search was conducted in prominent academic databases, such as PubMed, Scopus, Web of Science, and Google Scholar. The results indicate a substantial increase in domestic violence cases during the COVID-19 pandemic. Social isolation, economic stress, and prolonged cohabitation in tense domestic environments were identified as contributing factors. Furthermore, interviews revealed the pressing need for strengthening support and protection services for victims. The COVID-19 pandemic had a significant impact on the escalation of domestic violence cases. To address this issue, it is crucial to bolster assistance and prevention services, as well as to raise awareness within the community about the signs of violence and the importance of reporting it. This study underscores the urgency of addressing domestic violence as part of the pandemic response and highlights the necessity of coordinated efforts among local authorities, healthcare services, and civil society organizations.

Keywords: COVID-19; pandemic; domestic violence; social isolation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A PANDEMIA DA COVID-19 E SUAS RESPECTIVAS MUDANÇAS.....	13
1.1 O COVID-19.....	13
1.2 Pandemia e isolamento social.....	14
1.3 Reflexão social das mudanças que a pandemia causou.....	16
1.4 Pandemia e a violência doméstica.....	18
3 A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	20
2.1 A violência doméstica e sua perspectiva histórica.....	20
2.2 Uma visão crítica da violência doméstica.....	22
2.3 Os tipos de violência doméstica.....	23
2.3.1 Violência física.....	23
2.3.2 Violência psicológica.....	25
4 A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO CONTEXTO PANDÊMICO.....	27
3.1 Causas da violência doméstica no contexto pandêmico.....	27
3.2 Consequências da violência doméstica nas vítimas.....	29
3.3 Os casos de violência doméstica na pandemia.....	30
3.4 Medidas necessárias para casos de violência doméstica na pandemia.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020, rapidamente se tornou uma crise de saúde global sem precedentes. Além das preocupações inerentes à disseminação do vírus e ao impacto direto na saúde pública, a pandemia desencadeou uma série de consequências indiretas, afetando profundamente as dinâmicas sociais, econômicas e psicológicas em todo o mundo (SILVEIRA, 2020, p. 36).

Entre os efeitos colaterais preocupantes da pandemia, uma questão emergiu como um dos principais desafios enfrentados pela sociedade: o aumento alarmante dos casos de violência doméstica. À medida que as medidas de confinamento e distanciamento social foram implementadas para conter a propagação do vírus, muitos indivíduos encontraram-se confinados em ambientes domésticos, frequentemente desafiados por circunstâncias econômicas e emocionais adversas. O resultado foi um cenário propício ao aumento das tensões e conflitos familiares, que, em muitos casos, se manifestaram em atos de violência (VIEIRA, 2020, p. 63)

Sendo assim, a pandemia da COVID-19 trouxe consigo uma série de desafios que afetaram profundamente todas as esferas da sociedade, e um dos fenômenos mais preocupantes foi o aumento dos casos de violência doméstica. A necessidade de implementar medidas de distanciamento social e confinamento domiciliar, destinadas a conter a disseminação do vírus, criou um cenário propício para o agravamento das situações de violência intrafamiliar (SILVA, 2021, p. 63).

A pandemia da COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, impôs uma série de mudanças significativas no cotidiano das pessoas ao redor do mundo. Medidas de isolamento social, quarentenas e lockdowns foram amplamente adotados para conter a propagação do vírus. Essas medidas, embora necessárias para a saúde pública, tiveram um impacto profundo nas dinâmicas familiares e sociais (ONU, 2020).

De acordo com Johnson (2020, p. 33) a convivência intensificada no âmbito doméstico, muitas vezes sem opção de saída, colocou em evidência um fenômeno que já existia, mas que se agravou durante a pandemia: a violência doméstica. Os casos de violência física, psicológica e sexual contra parceiros, cônjuges, crianças e idosos aumentaram substancialmente em várias partes do mundo.

A violência doméstica é um problema social complexo e multifacetado que afeta pessoas de todas as idades, gêneros e classes sociais. No entanto, durante a pandemia, essa questão ganhou uma nova dimensão, à medida que as vítimas enfrentaram dificuldades

adicionais para buscar ajuda e proteção. O isolamento social frequentemente as deixava vulneráveis, sem apoio externo e sem a possibilidade de denunciar seus agressores (VAN GELDER, 2020, p. 43).

Ou seja, no ponto de vista de Oliveira et al. (2020, p. 2), se já era de grande preocupação a ocorrência da violência em tempos normais, após a pandemia que assolou o mundo de maneira abrupta é ainda mais, se mostrando silenciosa quando mulheres são impedidas de terem meios de enfrentá-la, reduzindo, por consequência os dados estatísticos, dando a falta impressão de que houve a sua redução, e, somente, demonstrando seus reais números quando apresenta um resultado drástico, a morte da vítima

Esta situação evidenciou a necessidade de estudar mais profundamente as causas e consequências do aumento da violência doméstica durante a pandemia da COVID-19. Compreender os fatores que contribuíram para esse aumento, identificar as vítimas e os agressores, bem como examinar as respostas das autoridades e das organizações da sociedade civil se torna fundamental. Além disso, é imperativo buscar soluções e estratégias para prevenir e combater a violência doméstica em situações de crises e em contextos pós-pandêmicos.

Logo, para compreender melhor essa estrutura da violência doméstica nesse contexto mencionado, este estudo traz como pergunta problemática do estudo: De quais formas a pandemia aumentaram os casos de violência doméstica durante a pandemia da COVID-19?

Sendo assim, este estudo tem como objetivo verificar o aumento de casos de violência doméstica no contexto pandêmico. Bem como objetivos específicos: a) Compreender aspectos relacionados a pandemia da COVID-19 e ao isolamento social; b) Analisar a violência doméstica como um processo histórico; c) Identificar a incidência dos casos de violência doméstica na pandemia.

No desenvolvimento deste estudo, foi adotada uma abordagem metodológica que incluiu uma revisão bibliográfica detalhada da literatura. Esse processo envolveu a identificação criteriosa de fontes de pesquisa relevantes para a temática em questão. Para alcançar esse objetivo, realizamos uma pesquisa ampla e sistemática em diversas bases de dados acadêmicas amplamente reconhecidas, incluindo o PubMed, Scopus, Web of Science e o Google Scholar.

Essa pesquisa minuciosa permitiu coletar uma ampla variedade de estudos, artigos e relatórios que forneceram informações cruciais para uma compreensão aprofundada do impacto da pandemia da COVID-19 nos casos de violência doméstica. Essa revisão bibliográfica desempenhou um papel fundamental na análise crítica e na contextualização das descobertas apresentadas neste estudo.

Portanto, este estudo está dividido em três capítulos, sendo eles embasados por teóricos contemporâneos, em que, no primeiro capítulo é retratado a questão pandemia da COVID-19 e suas respectivas mudanças na sociedade, já no segundo capítulo é visto a violência doméstica numa perspectiva histórica, compreendendo de que forma a violência doméstica foi se consolidando socialmente, e por último, o capítulo três retrata a violência doméstica no contexto pandêmico, bem como suas implicações. Posteriormente aos capítulos é visto os resultados do estudo de campo e por fim, as considerações finais.

2 A PANDEMIA DA COVID-19 E SUAS RESPECTIVAS MUDANÇAS

2.1 O COVID-19

O COVID-19, ou doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, é um fenômeno global que se originou em Wuhan, China, no final de 2019, e rapidamente se espalhou por todo o planeta, se tornando uma pandemia. Os sintomas típicos da doença incluem febre, tosse, dificuldade respiratória, perda de paladar e olfato, entre outros. A transmissão ocorre principalmente por meio de gotículas respiratórias e contato com superfícies contaminadas (OMS, 2020).

Os sintomas do COVID-19 podem variar de leves a graves. Além dos sintomas já mencionados, algumas pessoas também experimentam dores no corpo, dor de cabeça, náuseas, vômitos e diarreia. A doença pode ser especialmente perigosa para idosos e pessoas com condições de saúde subjacentes, como doenças cardíacas, diabetes e doenças respiratórias crônicas (SMITH, 2022, p. 33).

Para prevenir a propagação do vírus, foram implementadas medidas como o uso de máscaras, lavagem frequente das mãos, distanciamento social e a promoção da vacinação em massa. As vacinas têm sido uma ferramenta crucial para combater a pandemia. O impacto do COVID-19 foi profundo, afetando não apenas a saúde pública, mas também a economia global e a vida cotidiana das pessoas. Restrições, lockdowns e protocolos de saúde pública variam em todo o mundo, dependendo da situação local (VAN GELDER, 2020, p.74).

O vírus sofreu mutações ao longo do tempo, resultando em variantes que podem ser mais transmissíveis ou evadir a imunidade. A pesquisa médica continua a buscar tratamentos eficazes, mas até o momento não há uma cura específica para a doença. Além dos desafios de saúde, a pandemia teve consequências econômicas significativas, com interrupções em várias indústrias e perdas de empregos. Também afetou a educação, viagens, eventos esportivos e culturais, e causou um aumento na ansiedade e no estresse em muitas pessoas (SILVA, 2021, p. 78).

A gravidade da COVID-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, é um aspecto variável da doença que depende de diversos fatores. Enquanto algumas pessoas podem ser assintomáticas ou apresentar sintomas leves, outras desenvolvem formas graves da doença, com risco de complicações e óbito (PIQUEIRO, et al, 2021, p. 95).

Um dos principais fatores que influenciam a gravidade da COVID-19 é a idade. Pessoas mais velhas, especialmente aquelas com 65 anos ou mais, têm maior risco de desenvolver formas graves da doença. A COVID-19 é mais letal em idosos, que frequentemente apresentam sistemas imunológicos menos eficazes (CAPALDI, 2021, p.10).

Além disso, as condições de saúde subjacentes desempenham um papel crucial. Indivíduos com doenças pré-existentes, como doenças cardíacas, diabetes, hipertensão, doenças pulmonares crônicas e sistemas imunológicos enfraquecidos, estão em maior risco de complicações graves. A resposta imunológica do corpo também é um fator importante. Alguns pacientes desenvolvem uma resposta imunológica exagerada, levando a danos nos tecidos e inflamação grave, uma condição conhecida como "tempestade de citocinas." (PEREIRA, 2021, p. 22).

Além disso, as variantes do vírus podem afetar a gravidade da doença. Diferentes variantes do SARS-CoV-2 têm diferentes níveis de transmissibilidade e gravidade. A resposta à vacinação também desempenha um papel significativo na redução da gravidade da doença, mesmo em casos de infecção (LAISNEZ, 2021, p. 66).

A gravidade da COVID-19 é uma interação complexa de fatores, incluindo características individuais, variantes do vírus e acesso a cuidados de saúde adequados. A gestão eficaz da pandemia envolve medidas de prevenção, como uso de máscaras e distanciamento social, bem como a promoção da vacinação e o acesso a cuidados médicos adequados para aqueles que precisam. É fundamental lembrar que a maioria das pessoas se recupera com sucesso da COVID-19, mas a doença pode ser fatal, especialmente em grupos de alto risco, enfatizando a importância de medidas de controle e prevenção (CAPALDI, 2021, p. 99).

Além da vacinação, as medidas de prevenção foram fundamentais para conter a disseminação do vírus. Isso inclui o uso adequado de máscaras faciais, distanciamento social, higienização frequente das mãos e evitando aglomerações. As restrições e recomendações podem variar de acordo com a situação epidemiológica em cada região (FERREIRA, 2021, p. 67).

2.2 Pandemia e isolamento social

Uma pandemia é uma epidemia global de uma doença infecciosa que se espalha por múltiplos países ou continentes e afeta uma proporção significativa da população mundial. O COVID-19 foi declarado uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020 devido à sua rápida disseminação em todo o mundo (FERREIRA, 2021, p. 11).

O isolamento social é uma estratégia de saúde pública que envolve a restrição de interações sociais próximas entre pessoas, com o objetivo de reduzir a disseminação de um vírus contagioso, como o SARS-CoV-2, responsável pelo COVID-19. Essa medida pode incluir a quarentena, quando pessoas que foram expostas ao vírus, ou que são suspeitas de estarem infectadas, são isoladas por um período de tempo determinado (geralmente 14 dias) para evitar a propagação do vírus, mesmo que ainda não tenham desenvolvido sintomas (VAN GELDER, 2020, p. 13).

Além disso, o isolamento é adotado quando pessoas diagnosticadas com COVID-19 são separadas das pessoas saudáveis por um período de tempo determinado, geralmente até que não sejam mais contagiosas. Também envolve o distanciamento social, quando as pessoas são aconselhadas a manter uma distância física de pelo menos 1 metro (ou mais, dependendo das diretrizes locais) umas das outras em espaços públicos e evitar grandes reuniões ou aglomerações (SILVA, 2021, p. 44).

O isolamento social tem sido uma estratégia essencial para achatar a curva de transmissão do vírus, reduzir a pressão sobre os sistemas de saúde e salvar vidas. No entanto, essa medida também teve impactos sociais e econômicos significativos, incluindo isolamento emocional, perda de empregos e interrupções em setores econômicos (FERREIRA, 2021, p. 71).

As medidas de isolamento social foram implementadas de forma variada em diferentes partes do mundo e em momentos diferentes, dependendo da evolução da pandemia e das políticas de saúde pública adotadas por governos locais e nacionais. O equilíbrio entre a proteção da saúde pública e a minimização dos impactos sociais e econômicos tem sido um desafio contínuo durante a pandemia (SMITH, 2022, p. 20).

A pandemia de COVID-19, que começou em dezembro de 2019 em Wuhan, China, se tornou um dos desafios mais significativos para a saúde global. Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou oficialmente a COVID-19 como uma pandemia devido à sua rápida disseminação em todo o mundo (PEREIRA, 2021, p. 78).

Para conter a propagação do vírus SARS-CoV-2, que causa o COVID-19, o isolamento social emergiu como uma das principais estratégias adotadas em escala global. Isso implicou em medidas como quarentenas, onde pessoas expostas ou suspeitas de infecção ficavam isoladas por um período determinado, e isolamento, quando pessoas diagnosticadas com a doença eram separadas de outros para evitar a disseminação (OLIVEIRA, 2020, p. 12).

Além disso, o distanciamento social se tornou uma prática generalizada, recomendando que as pessoas mantenham uma distância física de pelo menos um metro em locais públicos e

evitem grandes aglomerações. Embora o isolamento social tenha desempenhado um papel crucial na redução da disseminação do vírus, ele também trouxe impactos significativos. Isso incluiu isolamento emocional, perda de empregos, interrupções na educação e desafios econômicos em muitas comunidades (ONU, 2020).

A abordagem específica de isolamento social variou de acordo com a situação local e o momento da pandemia, com algumas áreas implementando medidas rigorosas de lockdown, enquanto outras optaram por abordagens mais flexíveis. Encontrar o equilíbrio entre proteger a saúde pública e minimizar os impactos sociais e econômicos tem sido um desafio contínuo para governos e sociedades em todo o mundo (MACHADO, 2020, p. 74).

À medida que as autoridades de saúde pública continuam monitorando a situação da pandemia, a vacinação em massa se tornou uma ferramenta crucial na luta contra a COVID-19, com a esperança de que a imunização generalizada possa eventualmente permitir um retorno a um cenário mais próximo da normalidade (FERREIRA, 2021, p. 93).

2.3 Reflexão social das mudanças que a pandemia causou

A pandemia de COVID-19, declarada em 2020 pela Organização Mundial da Saúde, provocou uma série de reflexões profundas sobre a sociedade e seu funcionamento. De acordo com Roesch et al (2021, p. 95) este evento global sem precedentes desencadeou uma série de mudanças e desafios que geraram importantes considerações sociais:

Vulnerabilidades Expostas: A pandemia expôs a vulnerabilidade de grupos sociais, como idosos, pessoas com condições de saúde subjacentes e comunidades economicamente desfavorecidas. Isso ressaltou a necessidade de abordar desigualdades e fortalecer redes de segurança social.

Solidariedade e Comunidade: Muitas comunidades responderam à crise com atos de solidariedade. Voluntários se mobilizaram para ajudar os vulneráveis, vizinhos cuidaram uns dos outros e as pessoas passaram a valorizar as relações comunitárias.

Adaptação Tecnológica: A pandemia acelerou a adoção de tecnologias e mudou a forma como trabalhamos, estudamos e nos conectamos. O trabalho remoto, a telemedicina e o ensino online se tornaram mais comuns, destacando questões de acesso igualitário a essas tecnologias.

Saúde Mental: O isolamento social e a incerteza causaram desafios significativos para a saúde mental, levando a uma discussão mais aberta sobre a importância da saúde mental e a necessidade de mais recursos e apoio.

Globalização e Resiliência: A pandemia demonstrou como o mundo está interconectado, mas também destacou a necessidade de sistemas mais resilientes e autossuficientes, especialmente no fornecimento de produtos essenciais.

Desafios de Informação: A disseminação de informações erradas e teorias da conspiração durante a pandemia ressaltou a importância da alfabetização em saúde e da verificação de fontes confiáveis de informação.

Prioridades de Saúde Pública: A crise da COVID-19 enfatizou a importância de investir em sistemas de saúde pública, pesquisa científica e prontidão para pandemias, garantindo que o mundo esteja mais bem preparado para futuras ameaças à saúde.

Impacto Ambiental: O confinamento e a redução da atividade econômica tiveram efeitos significativos na qualidade do ar e na redução da pegada de carbono, gerando discussões sobre o impacto das atividades humanas no meio ambiente.

Respeito pelas Ciências e Especialistas: Durante a pandemia, a importância da ciência e da orientação de especialistas se tornou evidente, reforçando a necessidade de basear políticas públicas em evidências sólidas.

Preparação para o Futuro: A pandemia ressaltou a necessidade de planos de contingência e preparação para futuras emergências de saúde global, incentivando governos e organizações a desenvolverem estratégias para enfrentar desafios semelhantes no futuro.

Essas reflexões sociais continuam a evoluir à medida que a pandemia prossegue e as sociedades se adaptam às mudanças e desafios. A COVID-19 não apenas trouxe à tona questões críticas, mas também inspirou ação e inovação em várias áreas para lidar com essa crise e construir um futuro mais resiliente (SILVA, 2021, p. 63).

Além disso, a pandemia destacou a importância da saúde pública e do sistema de saúde em geral. A sociedade passou a valorizar mais os profissionais de saúde e a entender a necessidade de investimentos contínuos nessa área crítica. Por outro lado, o isolamento social necessário para conter a disseminação do vírus levou a um aumento da solidão e do isolamento emocional. Muitas pessoas passaram a dar mais importância às conexões sociais e à saúde mental (VAN GELDER, 2020, p. 74).

O trabalho remoto se tornou uma realidade para muitos, levando a mudanças nas dinâmicas de trabalho e na maneira como as pessoas se relacionam com seus empregos. Isso gerou reflexões sobre o equilíbrio entre vida pessoal e profissional. Além disso, a educação online se expandiu rapidamente, fazendo com que alunos, pais e educadores repensassem a forma como a aprendizagem acontece e como ela pode ser mais acessível (SILVA, 2021, p. 19).

A pandemia também estimulou um consumo mais consciente, com a escassez de produtos e a incerteza econômica levando muitas pessoas a refletirem sobre suas necessidades reais e a importância de apoiar empresas locais. No campo da solidariedade e da comunidade, a crise sanitária trouxe um senso renovado de solidariedade, com muitas pessoas se voluntariando para ajudar os necessitados, e comunidades se unindo para enfrentar desafios comuns (SMITH, 2022, p. 36).

A crise também levou as pessoas a revisarem suas prioridades na vida, questionando o que realmente importa e o que desejam para o futuro. No entanto, a pandemia exacerbou desigualdades sociais existentes, destacando a necessidade premente de abordar questões relacionadas ao acesso à saúde, ao trabalho precário e à falta de moradia (PEREIRA, 2021, p. 38).

No mundo do trabalho, empresas e funcionários repensaram a cultura do trabalho, com muitos considerando modelos de trabalho híbridos ou flexíveis como uma opção permanente. A pandemia deixou uma marca de cautela na sociedade, com muitas pessoas e governos considerando como se preparar melhor para futuras crises de saúde e catástrofes (OLIVEIRA, 2020, p. 78).

2.4 Pandemia e a violência doméstica

Primeiramente, a pandemia resultou em um aumento alarmante das taxas de violência doméstica em muitas regiões. O isolamento social, o estresse econômico e as tensões em ambientes familiares exacerbaram conflitos pré-existentes, levando a uma escalada da violência. O isolamento social, embora necessário para conter a disseminação do vírus, também se transformou em uma ferramenta de controle para agressores, uma vez que as vítimas se encontravam mais isoladas e com menos acesso a apoio externo (SILVA, 2021, p. 99).

Além disso, as barreiras para buscar ajuda aumentaram durante a pandemia. O acesso a serviços de apoio e ajuda para vítimas de violência doméstica foi comprometido devido a restrições de mobilidade, ao fechamento de abrigos e centros de apoio e às preocupações com a segurança das vítimas que buscavam ajuda. A violência doméstica não afeta apenas a segurança física das vítimas, mas também sua saúde mental. O medo constante e a exposição à violência podem levar a problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão, agravando ainda mais o impacto da pandemia (FERREIRA, 2021, p. 36).

A necessidade de conscientização contínua sobre a violência doméstica foi evidenciada durante esse período. Ficou claro que é crucial criar redes de apoio e recursos acessíveis para

vítimas, garantindo que saibam onde buscar ajuda e como se proteger. Organizações de defesa das vítimas e profissionais da área de saúde e assistência social desempenharam um papel crucial em fornecer apoio e orientação durante a pandemia, mas sua capacidade muitas vezes foi desafiada devido à demanda crescente (MACHADO, 2020, p. 78).

Governos em todo o mundo tiveram que adaptar e expandir suas respostas à violência doméstica em meio à pandemia. Isso incluiu o fortalecimento das linhas diretas de denúncia, o aumento de abrigos seguros e a garantia de que as vítimas tivessem acesso a serviços essenciais. Além disso, a pandemia destacou a necessidade contínua de educação e sensibilização sobre relacionamentos saudáveis, consentimento e como identificar sinais de violência doméstica, a fim de prevenir futuros casos (OLIVEIRA, 2020, p. 82).

Ou seja, Pereira (2021) afirma que o isolamento social, embora necessário para conter a propagação do vírus, também se tornou uma ferramenta de controle para agressores. As vítimas se viram mais isoladas, com menos oportunidades para buscar ajuda fora de suas casas. Além disso, as barreiras para buscar ajuda foram acentuadas. Restrições de mobilidade, o fechamento de abrigos e a preocupação com a exposição ao vírus dificultaram o acesso das vítimas a serviços de apoio.

De acordo com Ferreira (2021, p. 102) o impacto na saúde mental das vítimas foi significativo. Viver em um ambiente de abuso constante aumentou os níveis de ansiedade, depressão e trauma nas vítimas. As crianças também foram afetadas, muitas vezes testemunhando ou sofrendo indiretamente com a violência doméstica. O fechamento de escolas e creches durante a pandemia intensificou essas preocupações.

Autoridades governamentais e organizações de apoio tiveram que se adaptar rapidamente para fornecer serviços essenciais às vítimas, incluindo linhas diretas de ajuda, abrigos seguros e serviços de aconselhamento virtual. A pandemia destacou a necessidade contínua de conscientização sobre a violência doméstica e educação pública sobre relacionamentos saudáveis e recursos disponíveis para as vítimas (MACHADO, 2020, p. 96).

É importante observar que as mulheres foram particularmente afetadas, já que são frequentemente as principais vítimas de violência doméstica. Portanto, abordar essa questão envolve também a análise das desigualdades de gênero e políticas que perpetuam essas desigualdades (SILVA, 2021, p. 33).

Assim, a pandemia de COVID-19 tornou mais evidente a interseção entre saúde pública e questões sociais, incluindo a violência doméstica. A consciência sobre esses problemas é crucial para criar sociedades mais seguras e oferecer apoio às vítimas de violência doméstica, garantindo que elas tenham acesso a recursos e serviços de proteção necessários. É fundamental

que a sociedade continue a abordar e enfrentar a violência doméstica mesmo após o término da pandemia, trabalhando para criar um ambiente onde todas as pessoas possam viver livres de violência (JOHNSON, 2020, p. 69).

3 A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

3.1 A violência doméstica e sua perspectiva histórica

A violência doméstica é um problema global que afeta pessoas de todas as idades, gêneros, raças e origens étnicas. É importante ressaltar que as vítimas não são exclusivamente mulheres; homens também podem ser vítimas de violência doméstica. Além disso, a violência doméstica não se limita a relações conjugais ou parceiros íntimos; ela pode ocorrer em relações parentais, entre irmãos, em relações entre pais e filhos, e em qualquer contexto familiar. A violência doméstica é prejudicial não apenas para as vítimas diretas, mas também para toda a família e a comunidade (ROESCH, et al, 2021, p. 96).

A luta contra a violência doméstica envolve a conscientização, a promoção da igualdade de gênero, a implementação de leis e políticas eficazes, bem como o apoio às vítimas e a educação para prevenir a violência. As vítimas de violência doméstica são encorajadas a procurar ajuda e apoio, seja através de organizações de apoio, terapeutas, médicos ou autoridades policiais, para garantir sua segurança e bem-estar (LAISNEZ, et al, 2021, p. 30).

Nas civilizações antigas, como Grécia e Roma, prevalecia o patriarcado, conferindo aos homens poder quase absoluto sobre suas famílias. A violência doméstica raramente era reconhecida como um crime nos textos legais dessas sociedades, e a ideia predominante era de que as questões familiares deveriam ser resolvidas no âmbito privado (SILVA, 2018, p. 11).

Durante a Idade Moderna, surgiram debates sobre o tratamento adequado das esposas, com algumas vozes defendendo a ideia de que os maridos não deveriam agredir fisicamente suas esposas. No entanto, as leis da época ainda tendiam a minimizar a violência doméstica, frequentemente tratando-a como um assunto privado (CARVALHO, 2019, p. 47).

No século XIX, com o movimento sufragista e a luta pelos direitos das mulheres, começaram a surgir os primeiros movimentos feministas, que destacaram a violência doméstica como uma preocupação social. Foi nessa época que as primeiras leis de proteção das mulheres contra a violência doméstica foram promulgadas em alguns países (GONÇALVEZ, 2019, p. 96).

Já no século XX, houve um aumento significativo na conscientização sobre a violência doméstica como um problema de saúde pública e direitos humanos. Movimentos de defesa das vítimas, abrigos para mulheres e organizações de combate à violência doméstica começaram a se formar. As leis de muitos países foram revisadas para oferecer maior proteção às vítimas e punir os agressores (MACHADO, 2020, p. 44).

Nas últimas décadas, houve uma ênfase crescente na prevenção da violência doméstica, bem como na promoção de relacionamentos saudáveis e igualdade de gênero. A violência doméstica é agora amplamente reconhecida como uma violação dos direitos humanos e é condenada internacionalmente. Tratados e convenções internacionais, como a Convenção de Istambul do Conselho da Europa e a Convenção de Belém do Pará da OEA, desempenharam um papel importante na promoção da prevenção e combate à violência doméstica em nível global (JOHNSON, 2020, p. 70).

Na década de 1980 e 1990, houve um aumento significativo na conscientização pública sobre esse problema. Muitos países começaram a promulgar leis mais rigorosas e específicas para lidar com a violência doméstica, incluindo a emissão de ordens de restrição contra agressores (SILVEIRA, 2020, p. 35).

Nos anos 2000, a internet e a tecnologia desempenharam um papel crescente na conscientização e no combate à violência doméstica. As vítimas passaram a ter acesso a recursos online e maneiras discretas de buscar ajuda. Além disso, programas de prevenção e educação sobre relacionamentos saudáveis foram amplamente promovidos em escolas e comunidades para abordar as causas subjacentes da violência doméstica (RIBEIRO, 2018, p. 78).

Vieira (2018, p. 33) menciona que a década de 2010 foi marcada por uma maior integração da violência doméstica nas discussões sobre igualdade de gênero e direitos das mulheres. Movimentos como o #MeToo deram voz a muitas vítimas de violência sexual e doméstica, destacando a importância do empoderamento das vítimas e da responsabilização dos agressores. Também houve um aumento na conscientização sobre a violência doméstica contra homens, evidenciando que essa questão não é restrita a um único gênero.

Na década de 2020, a pandemia de COVID-19 trouxe novos desafios e preocupações relacionadas à violência doméstica. O isolamento social e o estresse adicional exacerbaram os casos de violência. Nesse contexto, houve um aumento na ênfase na necessidade de serviços de apoio virtual, como linhas diretas e aconselhamento online, para atender às vítimas que não podiam buscar ajuda presencialmente (SILVA, 2018, p. 15).

Embora tenham ocorrido avanços significativos na conscientização e na legislação relacionados à violência doméstica, ainda é um problema grave em muitas partes do mundo. A perspectiva histórica destaca como a sociedade evoluiu em relação a essa questão, mas também destaca a necessidade contínua de esforços para eliminar a violência doméstica e proteger as vítimas (BARROS, 2018, p. 97).

3.2 Uma visão crítica da violência doméstica

Primeiramente, é fundamental reconhecer que a violência doméstica está fortemente enraizada na desigualdade de gênero. É um fenômeno em que o poder e o controle são exercidos por um parceiro sobre o outro, frequentemente resultando em abuso físico, emocional e econômico. A crítica aqui está em destacar como normas de gênero prejudiciais perpetuam essa desigualdade, tornando-a um problema sistêmico (BANCROFT, 2004, p. 2).

Além disso, a resposta legal e institucional à violência doméstica nem sempre é eficaz. Muitos críticos argumentam que os sistemas legais e institucionais muitas vezes falham em proteger adequadamente as vítimas. Isso inclui questões relacionadas à aplicação da lei, às ordens de restrição e ao apoio judicial insuficiente. A crítica enfatiza a necessidade urgente de reformas nas políticas públicas e na aplicação da lei (HOLTZWORTH-MUNROE, 2000, p. 107).

Outro ponto crítico é o ciclo da violência, um padrão comum em relacionamentos abusivos que envolve fases de tensão, explosão violenta e lua de mel, seguidas de um retorno ao ciclo. Essa dinâmica complexa pode manter as vítimas presas em relacionamentos prejudiciais, enfatizando a necessidade de intervenções que quebrem esse ciclo (ARAÚJO, 2014, p. 9).

A estigmatização e a culpa da vítima também são questões críticas. A sociedade muitas vezes culpa as vítimas por permanecerem em relacionamentos abusivos, ignorando os múltiplos fatores complexos que podem impedi-las de sair dessas situações. Uma perspectiva crítica chama a atenção para a importância de compreender e apoiar as vítimas, em vez de culpá-las (SANTOS, 2018, p. 88).

Além disso, é fundamental considerar o impacto nas crianças que testemunham ou vivenciam violência doméstica. Uma análise crítica reconhece os efeitos profundos na saúde mental e emocional das crianças e destaca a necessidade de intervenções apropriadas. A violência doméstica também é influenciada por fatores culturais, religiosos e sociais. Uma visão crítica questiona como normas e valores culturais podem perpetuar essa violência e procura

maneiras de promover uma mudança cultural que desestigmatize o abuso e promova relacionamentos saudáveis (GONÇALVES, 2019, p. 94).

Por fim, abordagens holísticas são cruciais na resposta à violência doméstica. Isso envolve a combinação de educação, prevenção, apoio à vítima, responsabilização do agressor e reformas institucionais. Além disso, o envolvimento da comunidade desempenha um papel fundamental, pois a violência doméstica não é apenas um problema individual, mas um problema comunitário que exige esforços coletivos para erradicá-la. Uma visão crítica da violência doméstica é, portanto, uma chamada à ação para a transformação profunda da sociedade, das políticas e das atitudes, a fim de eliminar esse fenômeno e criar um ambiente seguro e igualitário para todos (CARVALHO, 2019, p. 22).

3.3 Os tipos de violência doméstica

Existem vários tipos de violência doméstica, as mais comuns são violência física e psicológica. Sendo assim, é fundamental compreender que esses tipos de violência podem ocorrer isoladamente ou em conjunto, criando um ambiente tóxico e prejudicial para a vítima. Além disso, é importante reconhecer que a violência doméstica não está limitada a um único gênero; homens e mulheres podem ser vítimas ou agressores. Portanto, a conscientização e o combate a esses tipos de abuso são essenciais para promover relacionamentos saudáveis e seguros, bem como para oferecer apoio às vítimas em sua jornada de recuperação e proteção (BANCROFT, 2004, p. 99).

De acordo com Barros (2018, p. 45) é importante ressaltar que a violência doméstica não se limita a um único tipo e muitas vezes envolve uma combinação desses abusos. A conscientização sobre os diferentes tipos de violência é crucial para identificar e interromper o ciclo de abuso, além de oferecer apoio adequado às vítimas em busca de segurança e recuperação.

3.3.1 Violência física

A violência física é um tipo de abuso em que uma pessoa causa danos físicos a outra com a intenção de causar dor, lesões ou ferimentos. Esse tipo de violência pode ocorrer em diversos contextos, mas é particularmente preocupante quando acontece em relacionamentos domésticos ou familiares (HOLTZWORTH-MUNRO, 2000, p. 109).

A violência física pode manifestar-se de várias maneiras, incluindo socos, chutes, tapas, estrangulamento, mordidas, empurrões, puxões de cabelo, queimaduras e o uso de objetos ou armas para infligir ferimentos. Basicamente, é qualquer forma de contato físico não consensual que resulta em dor ou lesões (CAMPOS, 2017, p. 6).

Os impactos nas vítimas da violência física podem ser devastadores. Além das lesões físicas, que podem variar de contusões a fraturas e hematomas graves, a violência física também pode causar danos psicológicos significativos, incluindo trauma, ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) (RIBEIRO, 2018, p. 59).

Em muitos casos de violência física, há um padrão conhecido como "ciclo de violência". Esse ciclo inclui fases de tensão crescente, explosão violenta (quando ocorre o abuso físico) e uma fase de reconciliação ou "lua de mel". Esse ciclo pode se repetir, tornando difícil para as vítimas deixarem o relacionamento abusivo (VIEIRA, 2018, p. 33).

Reconhecer a violência física e denunciá-la é fundamental para a segurança das vítimas. No entanto, muitas vítimas enfrentam barreiras emocionais, sociais ou econômicas para denunciar seus agressores. A violência física é considerada crime em muitos países e pode resultar em processos legais contra o agressor. As vítimas têm o direito de buscar proteção legal, e medidas como ordens de restrição podem ser emitidas para manter o agressor afastado (SILVA, 2018, p. 54).

Existem organizações e serviços que oferecem apoio às vítimas de violência física, incluindo abrigos, linhas diretas de ajuda, aconselhamento psicológico e assistência legal. Esses recursos são essenciais para ajudar as vítimas a saírem de situações perigosas e iniciar o processo de recuperação (BARROS, 2018, p. 76).

A violência física é inaceitável e prejudicial, e é importante criar conscientização sobre esse problema, bem como promover relacionamentos saudáveis e seguros. Qualquer pessoa que seja vítima de violência física ou conheça alguém que estejam enfrentando essa situação deve buscar ajuda imediatamente para garantir sua segurança e bem-estar (DUTTON, 2021, p. 94).

A violência física direcionada especificamente para as mulheres é uma manifestação da violência de gênero que atinge as mulheres com base em seu sexo. Essa forma de abuso, também conhecida como violência contra a mulher, é um dos desafios mais significativos enfrentados globalmente (KASANDE, et al, 2021, p. 13).

A violência física de gênero contra as mulheres envolve o uso da força física para causar dano, ferimentos ou sofrimento às mulheres. Isso pode incluir agressões, espancamentos, socos, estrangulamento e outros atos de violência física. Muitas vezes, a violência física de gênero é parte de um padrão de controle e dominação, onde o agressor exerce poder sobre a vítima. Ela

pode ocorrer em diversos contextos, como relações conjugais, relacionamentos íntimos, relações familiares e, até mesmo, em situações de trabalho (BRADBURY-JONES, 2020, p. 95).

A violência física tem sérios impactos na saúde das mulheres, resultando em lesões físicas, traumas psicológicos e, em casos extremos, podendo levar à morte. Além disso, essa forma de violência afeta o bem-estar emocional, a autoestima e a qualidade de vida das vítimas (GARCIA, 2021, p. 9).

A raiz da violência de gênero está na desigualdade de gênero e em normas sociais que perpetuam estereótipos prejudiciais. A impunidade dos agressores e o medo de represálias frequentemente mantêm as vítimas em situações de violência contínua. Muitos países têm leis e políticas para proteger as vítimas de violência de gênero e punir os agressores. No entanto, a aplicação eficaz dessas leis e o apoio às vítimas ainda são desafios em muitas partes do mundo (LAISNEZ, et al, 2021, p. 33).

Existem organizações e serviços que oferecem apoio às mulheres vítimas de violência física, incluindo abrigos, aconselhamento psicológico, linhas diretas de emergência e orientação legal. A prevenção da violência de gênero envolve educação, conscientização, mudança de atitudes em relação à igualdade de gênero e promoção de relacionamentos saudáveis e respeitosos (GONÇALVES, 2019, p. 94).

A violência física de gênero contra as mulheres é uma violação dos direitos humanos e uma questão complexa que requer uma abordagem multifacetada para combatê-la. Promover a igualdade de gênero, conscientizar sobre essa forma de violência e garantir o apoio às vítimas são passos fundamentais para criar uma sociedade mais segura e igualitária (CAMPOS, 2017, p. 6).

3.3.2 Violência psicológica

A violência psicológica, também conhecida como abuso emocional, é uma forma de abuso que se manifesta através de comportamentos e ações destinados a causar danos emocionais, mentais ou psicológicos em outra pessoa. Embora menos visível do que a violência física, a violência psicológica pode ser igualmente prejudicial e debilitante (CAMPOS, 2017, p. 10).

A violência psicológica pode se apresentar de diversas maneiras. Isso inclui humilhação, críticas constantes, insultos, ameaças verbais ou emocionais, intimidação e manipulação. Além disso, pode envolver o controle excessivo sobre a vida da vítima, como restringir sua liberdade,

isolar a vítima da família e amigos, controlar suas finanças ou impor regras e restrições arbitrárias (RIBEIRO, 2018, p. 17).

De acordo com Silva (2018, p. 96) os efeitos da violência psicológica sobre as vítimas são profundos. Podem incluir sentimentos de ansiedade, depressão, baixa autoestima, confusão e isolamento. A vítima pode chegar a desenvolver um senso de desamparo, sentir-se culpada ou duvidar de sua própria sanidade devido à manipulação constante do agressor.

Assim como na violência física, muitos relacionamentos caracterizados pela violência psicológica seguem um ciclo. Esse ciclo pode incluir fases de tensão, explosão emocional e uma fase de "lua de mel" ou reconciliação, que pode confundir a vítima e dificultar a saída do relacionamento abusivo (VIEIRA, 2018, p. 33).

Reconhecer a violência psicológica pode ser desafiador, uma vez que geralmente não deixa marcas físicas visíveis. No entanto, é fundamental reconhecer os sinais, como o constante desrespeito, controle excessivo e humilhação. Denunciar a violência psicológica é essencial para buscar ajuda e proteção. É importante falar com amigos, familiares, terapeutas ou organizações de apoio. Existem recursos disponíveis para ajudar vítimas de violência psicológica, como linhas diretas de ajuda, terapeutas especializados em trauma, grupos de apoio e abrigos para mulheres em situação de violência doméstica (BANCROFT, 2004, p. 49).

A violência psicológica dirigida às mulheres é uma forma de abuso que se concentra no aspecto emocional e psicológico, visando a dominação e controle, muitas vezes em relações de gênero. Este tipo de violência não deixa marcas físicas visíveis, mas pode ser profundamente prejudicial (GONÇALVES, 2019, p. 94).

A violência psicológica é caracterizada por um padrão de comportamento abusivo que inclui ameaças, humilhação, intimidação, manipulação, controle excessivo, isolamento social e outras formas de abuso emocional. Ela tem o objetivo de minar a autoestima, independência e bem-estar emocional da vítima (GARCIA, 2021, p. 9).

Essa forma de violência muitas vezes está associada a um padrão de controle, onde o agressor exerce poder sobre a vítima, buscando mantê-la submissa e sob seu controle. Pode ocorrer em diversos contextos, incluindo relacionamentos conjugais, parceiros íntimos, familiares e em situações de trabalho (CAMPOS, 2017, p. 6).

A violência psicológica pode ter sérios impactos na saúde mental das mulheres, levando a problemas como depressão, ansiedade, estresse pós-traumático e baixa autoestima. As vítimas frequentemente relatam sentir-se impotentes, isoladas e em constante medo. A violência psicológica de gênero tem raízes profundas na desigualdade de gênero e nas normas sociais que perpetuam estereótipos prejudiciais. As consequências podem ser devastadoras, incluindo a

perpetuação do ciclo de violência, o isolamento da vítima e, em alguns casos, a escalada para violência física (SILVA, 2021, p. 63).

Muitos países têm leis e políticas que proíbem a violência psicológica e oferecem proteção às vítimas. No entanto, a implementação eficaz dessas leis e a conscientização sobre essa forma de violência ainda são desafios em muitas comunidades. Há organizações e serviços que oferecem apoio a mulheres vítimas de violência psicológica, incluindo aconselhamento psicológico, linhas diretas de ajuda e abrigos seguros. A prevenção da violência psicológica envolve educar a sociedade sobre o respeito mútuo, promover relacionamentos saudáveis e respeitosos, e desafiar normas prejudiciais de gênero que perpetuam o abuso (CAPALDI, 2021, p. 70).

A violência psicológica contra as mulheres é uma forma de violência de gênero que tem um impacto profundo nas vítimas e na sociedade como um todo. É fundamental promover a igualdade de gênero, conscientizar sobre essa forma de violência e garantir o apoio adequado às vítimas como parte dos esforços para criar uma sociedade mais segura e igualitária (GARCIA, 2021, p. 9).

4 A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO CONTEXTO PANDÊMICO

4.1 Causas da violência doméstica no contexto pandêmico

As causas da violência doméstica no contexto da pandemia da COVID-19 são uma preocupação significativa devido à interação complexa de fatores relacionados à crise de saúde pública e às tensões sociais. O impacto da pandemia nas dinâmicas familiares e nas relações íntimas trouxe à tona desafios que agravaram a violência doméstica, e é fundamental entender essas causas para enfrentar eficazmente esse problema (CAMPOS, 2017, p. 6).

Um dos principais fatores é o isolamento social. Com as medidas de distanciamento social e o confinamento, as vítimas de violência doméstica muitas vezes se viram mais limitadas em suas interações sociais e na busca de apoio. Esse isolamento as tornou mais vulneráveis à violência, uma vez que não tinham a mesma liberdade para procurar ajuda ou apoio de amigos e familiares (PIQUEIRO, et al, 2021, 66).

Além disso, a crise econômica desencadeada pela pandemia, com a perda de empregos e a instabilidade financeira, exacerbou o estresse nas famílias. A pressão financeira pode ser um gatilho para conflitos e abusos em ambientes domésticos, contribuindo para o aumento da violência (GONÇALVES, 2019, p. 94).

A convivência prolongada em ambientes domésticos de tensão, devido ao trabalho remoto e às restrições de movimento, também desempenhou um papel importante no aumento da violência. A falta de espaço pessoal e a proximidade contínua entre os membros da família podem criar um ambiente propício para o surgimento de conflitos e, em alguns casos, para o aumento da violência (GARCIA, 2021, p. 9).

A dificuldade de acesso aos serviços de apoio é outro fator crítico. Muitos desses serviços, como abrigos, centros de atendimento e aconselhamento, tiveram que reduzir sua capacidade ou adaptar seus serviços devido às restrições da pandemia. Isso tornou mais desafiador para as vítimas buscarem ajuda e proteção (PIQUEIRO, et al, 2021, p. 12).

O medo de contrair o vírus ao buscar ajuda em hospitais, delegacias de polícia ou centros de apoio também dissuadiu algumas vítimas de violência doméstica de denunciar os abusos ou de procurar abrigo seguro. Agravar as tensões pré-existentes em relacionamentos familiares, como o uso excessivo de álcool ou drogas, também contribuiu para o aumento da violência durante a pandemia (SILVA, 2021, p. 63).

Além disso, a impunidade de agressores e a falta de ação por parte das autoridades podem ter incentivado o abuso. Isso pode criar um ambiente em que as vítimas se sintam desamparadas e relutantes em relatar os abusos. A desigualdade de gênero e os estereótipos de gênero desempenham um papel importante na violência doméstica, e a pandemia pode ter exacerbado essas questões, já que as mulheres frequentemente enfrentam um fardo desproporcional na vida doméstica e no cuidado, tornando-as mais vulneráveis a abusos (KASANDE, 2021, p. 10).

O estresse e a ansiedade gerados pela incerteza da pandemia também tiveram um impacto na saúde mental das pessoas, contribuindo para a escalada de conflitos familiares. Assim, a falta de conscientização sobre os sinais de violência doméstica e a educação sobre relacionamentos saudáveis são desafios significativos que contribuem para a perpetuação do abuso. Abordar essas causas no contexto da pandemia requer uma abordagem integrada, que inclui a promoção da igualdade de gênero, o fortalecimento dos serviços de apoio e a conscientização pública sobre essa questão crítica, a fim de criar um ambiente mais seguro para as vítimas de violência doméstica (ARAÚJO, 2014, p. 25).

A desigualdade de poder nos relacionamentos desempenha um papel fundamental. Em muitos casos, os agressores exercem controle e poder sobre as vítimas, o que se torna ainda mais pronunciado no contexto de isolamento e dependência mútua. O medo de represálias por parte do agressor também é um fator preponderante. As vítimas podem temer pela sua segurança, a de seus filhos e a possibilidade de sofrerem violência ainda mais intensa caso

denunciem o abuso. A vergonha e o estigma associados à violência doméstica podem ser barreiras significativas para as vítimas em busca de ajuda. O medo do julgamento social e o sentimento de culpa podem levá-las a manter o silêncio (SANTOS, 2018, p. 99).

As crianças em lares afetados pela violência doméstica também são afetadas negativamente. O ambiente de tensão e abuso impacta diretamente o bem-estar das crianças, que podem testemunhar os episódios de violência ou até mesmo ser vítimas. A falta de apoio de familiares e amigos devido ao distanciamento social restringiu as redes de suporte das vítimas. A solidão e o isolamento podem tornar ainda mais difícil para elas encontrarem ajuda e apoio (CARVALHO, 2019, p. 63).

A escassez de recursos financeiros, a falta de independência financeira e o medo do desemprego ou da perda de moradia são questões prementes que podem manter as vítimas presas a relacionamentos abusivos. Em muitos casos, as vítimas podem não estar cientes de seus direitos legais ou das medidas de proteção disponíveis, o que limita ainda mais sua capacidade de buscar ajuda (BARROS, 2018, p. 96).

Portanto, as causas da violência doméstica no contexto da pandemia são uma rede complexa de fatores, incluindo poder desigual nos relacionamentos, medo de represálias, vergonha, impacto nas crianças, falta de apoio social, questões financeiras e falta de informação. Abordar essa questão requer uma abordagem holística, que abranja tanto a prevenção quanto a assistência às vítimas, com uma ênfase na conscientização, educação e apoio contínuo (SANTOS, 2020, p. 33).

4.2 Consequências da violência doméstica nas vítimas

As consequências da violência doméstica nas vítimas são profundas e amplamente abrangentes, afetando diversos aspectos de suas vidas. Essa forma de abuso deixa um rastro de impactos negativos, tanto físicos quanto psicológicos, que prejudicam a qualidade de vida e a capacidade das vítimas de funcionar adequadamente na sociedade (SILVA, 2021, p. 63).

Fisicamente, as vítimas frequentemente sofrem lesões graves, desde contusões e arranhões até fraturas ósseas e lesões na cabeça. Além disso, o abuso físico pode levar a complicações de saúde a longo prazo, resultando em dores crônicas e debilidades físicas (GARCIA, 2021, p. 9).

No aspecto da saúde mental, a violência doméstica tem um impacto significativo, levando ao desenvolvimento de transtornos como o estresse pós-traumático (TEPT), depressão

e ansiedade. O trauma emocional persiste por muitos anos, minando a saúde psicológica das vítimas (SANTOS, 2020, p. 99).

Além disso, a autoestima e a autoconfiança das vítimas são frequentemente prejudicadas. Elas passam a duvidar de si mesmas, de suas habilidades e de seu valor como indivíduos. O isolamento social é outra consequência comum, já que muitas vítimas são separadas de suas redes de apoio, como amigos e familiares, pelo agressor. Isso cria um ciclo de dependência emocional que torna ainda mais difícil a busca de ajuda ou a saída do relacionamento abusivo (ARAÚJO, 2014, p. 25).

A dependência econômica é um problema adicional. Alguns agressores controlam as finanças das vítimas, tornando-as economicamente dependentes e, assim, prejudicando sua independência e capacidade de deixar o relacionamento abusivo. O ciclo de violência, caracterizado por uma escalada de tensão, episódios explosivos de abuso e um período de aparente calma e reconciliação, mantém as vítimas presas em relacionamentos abusivos. Elas frequentemente mantêm a esperança de que o comportamento do agressor vai mudar (SILVEIRA, 2020).

As crianças nas famílias afetadas também sofrem com as consequências da violência doméstica, mesmo que não sejam diretamente alvo do abuso. O ambiente de tensão e violência afeta negativamente seu desenvolvimento e bem-estar. Adicionalmente, a violência doméstica pode prejudicar a capacidade da vítima de manter um emprego ou se envolver em atividades sociais. Isso resulta em perda de renda e limitações nas oportunidades ocupacionais (SILVA, 2020, p. 95).

Em casos extremos, a violência doméstica pode levar ao homicídio da vítima. É uma realidade trágica que, em alguns relacionamentos abusivos, o risco de morte é iminente. Para algumas vítimas, a repetição do padrão é uma consequência, já que elas podem ficar presas em um ciclo de violência repetitivo, envolvendo relacionamentos futuros com agressores (CAPALDI, 2021, p. 16).

É crucial reconhecer a gravidade e a duradoura natureza das consequências da violência doméstica. O apoio às vítimas, a conscientização sobre essa questão e a disponibilidade de serviços de apoio e abrigo desempenham um papel crucial para ajudar as vítimas a se recuperar e a romper o ciclo de violência. O combate à violência doméstica deve ser uma prioridade, protegendo os direitos e a segurança das vítimas (CARVALHO, 2019, p. 85).

4.3 Os casos de violência doméstica na pandemia

Durante a pandemia da COVID-19, observou-se um alarmante aumento nos casos de violência doméstica, uma tendência preocupante que reverberou em âmbito global. Essa escalada da violência foi desencadeada por uma série de fatores intrinsecamente ligados ao contexto da pandemia. O isolamento social e as restrições de movimento, impostos como medidas preventivas, tiveram o efeito colateral de aprisionar vítimas de violência doméstica em casa com seus agressores, reduzindo sua capacidade de buscar ajuda ou apoio junto a suas redes de suporte, como amigos e familiares (SILVEIRA, 2020).

O estresse e a ansiedade associados à pandemia, seja pela preocupação com a saúde, a insegurança econômica ou o medo do vírus, aumentaram significativamente. Esse estresse crônico aumentou as tensões familiares, contribuindo para conflitos e abusos. Além disso, a perda de empregos e a instabilidade econômica causadas pela pandemia exerceram uma pressão adicional sobre as famílias, tornando-as mais propensas a confrontos e à violência doméstica (SILVA, 2021, p. 63).

Relacionamentos familiares já tensos ou abusivos antes da pandemia foram agravados pelo convívio prolongado em situações de estresse. Abusos físicos e psicológicos se intensificaram em ambientes onde as vítimas e os agressores compartilhavam um espaço confinado (CAMPOS, 2017, p. 99).

Os serviços de apoio, como abrigos e centros de aconselhamento, também enfrentaram restrições durante a pandemia, o que dificultou a busca de refúgio e assistência para as vítimas. O medo de contrair o vírus ao buscar ajuda em instalações de saúde ou delegacias de polícia dissuadiu algumas vítimas de denunciar abusos ou procurar abrigo seguro (JOHNSON, 2020, p. 17).

A impunidade dos agressores, em alguns casos, encorajou a continuação dos atos violentos, já que muitos não enfrentaram consequências legais por seus comportamentos abusivos. A desigualdade de gênero e os estereótipos de gênero desempenharam um papel significativo, com as mulheres frequentemente carregando um fardo desproporcional de trabalho doméstico e de cuidado. Essas desigualdades foram exacerbadas durante a pandemia (BANCROFT, 2004, p. 93).

O aumento do uso da tecnologia também permitiu que agressores utilizassem a vigilância digital para controlar e ameaçar suas vítimas, agravando o abuso. Em suma, o aumento dos casos de violência doméstica durante a pandemia é uma questão de extrema preocupação, exigindo uma abordagem multifacetada. A conscientização pública, a educação sobre relacionamentos saudáveis, o fortalecimento de serviços de apoio e ações legais para responsabilizar os agressores são medidas essenciais. Proteger as vítimas de violência

doméstica se tornou uma prioridade urgente, tanto durante a pandemia quanto em seu rescaldo (SILVEIRA, 2020).

O aumento dos casos de violência doméstica durante a pandemia é uma preocupação significativa, pois a crise de saúde pública desencadeada pela COVID-19 trouxe à tona uma série de desafios que agravaram essa questão. O contexto de isolamento social, incertezas econômicas e o convívio prolongado em ambientes domésticos tensos contribuíram para esse fenômeno preocupante (GONÇALVES, 2019, p. 96).

As medidas de distanciamento social e o confinamento forçado devido à pandemia resultaram em um aumento da vulnerabilidade das vítimas de violência doméstica. O isolamento tornou mais difícil para essas vítimas buscar ajuda e proteção, uma vez que ficaram limitadas em suas interações sociais e na busca de apoio de amigos, familiares e serviços de assistência (BARROS, 2018, p. 78).

A crise econômica que acompanhou a pandemia, com a perda de empregos e a instabilidade financeira, contribuiu para o aumento da violência doméstica. A pressão financeira em muitas famílias tornou-se um gatilho para conflitos e abusos, uma vez que as dificuldades econômicas podem intensificar as tensões no ambiente doméstico (MACHADO, 2020, p. 44).

O convívio prolongado em ambientes domésticos, resultado do trabalho remoto e das restrições de movimento, também desempenhou um papel importante no aumento da violência. A falta de espaço pessoal e a proximidade contínua entre os membros da família criaram um ambiente propício para conflitos e, em alguns casos, para o aumento da violência (DUTTON, 2021, p. 95).

A dificuldade de acesso aos serviços de apoio, como abrigos, centros de atendimento e aconselhamento, devido às restrições da pandemia, tornou mais desafiador para as vítimas buscarem ajuda e proteção. O medo de contrair o vírus ao buscar ajuda pessoalmente também dissuadiu algumas vítimas de violência doméstica de denunciar os abusos ou de procurar abrigo seguro (ARAÚJO, 2014, p. 25).

A impunidade dos agressores e a falta de ação por parte das autoridades podem ter incentivado o abuso, criando um ambiente em que as vítimas se sintam desamparadas e relutantes em relatar os abusos. A desigualdade de gênero desempenha um papel importante na violência doméstica, e a pandemia pode ter exacerbado essas desigualdades, uma vez que as mulheres frequentemente enfrentam um fardo desproporcional na vida doméstica e no cuidado, tornando-as mais vulneráveis a abusos (MACHADO, 2020, p. 96).

Assim, como já mencionado, o aumento dos casos de violência doméstica durante a pandemia é um problema complexo e multifacetado que demanda uma resposta abrangente. A proteção das vítimas e a erradicação da violência doméstica são desafios urgentes que requerem ação imediata e coordenada entre autoridades locais, serviços de saúde, organizações da sociedade civil e a comunidade em geral (MACHADO, 2020, p. 44).

4.4 Medidas necessárias para casos de violência doméstica na pandemia

O aumento dos casos de violência doméstica durante a pandemia da COVID-19 representa uma questão complexa e preocupante, resultado de uma interação de diversos fatores específicos desse período. A imposição do isolamento social como medida preventiva trouxe consigo um dilema para as vítimas, que muitas vezes se viram confinadas em casa com seus agressores. A impossibilidade de sair ou buscar ajuda pessoalmente se tornou uma barreira significativa, enfatizando a necessidade de disponibilizar linhas diretas de emergência disponíveis 24 horas por dia para garantir que as vítimas possam acessar ajuda em momentos críticos (GONÇALVES, 2019, p. 96).

O contexto de estresse e ansiedade generalizados decorrentes da pandemia intensificou as tensões em muitas famílias, exacerbando conflitos pré-existentes e abrindo espaço para um aumento na violência doméstica. O medo pela saúde, a insegurança financeira e a incerteza em relação ao futuro se tornaram fontes adicionais de pressão, tornando a prevenção de conflitos e abusos uma prioridade crucial (GARCIA, 2021, p. 9).

A crise econômica que acompanhou a pandemia, com a perda de empregos e a instabilidade financeira, contribuiu para o aumento da violência doméstica. A dificuldade de lidar com questões financeiras ampliou a probabilidade de conflitos e agressões no âmbito familiar (SILVA, 2021, p. 63).

Os relacionamentos já tensos ou abusivos foram intensificados pelo convívio prolongado em situações de estresse. As vítimas se viram aprisionadas em ambientes que não eram seguros, com os abrigos para vítimas de violência doméstica enfrentando desafios operacionais que dificultaram a busca por refúgio. Além disso, o medo de contrair o vírus ao buscar ajuda pessoalmente também desencorajou algumas vítimas a denunciar ou buscar abrigo seguro (GARCIA, 2021, p. 9).

A impunidade dos agressores, em alguns casos, incentivou a continuação dos atos violentos, uma vez que muitos não enfrentaram consequências legais. A desigualdade de gênero desempenhou um papel importante na violência doméstica, e a pandemia pode ter exacerbado

essas desigualdades, uma vez que as mulheres frequentemente enfrentam um fardo desproporcional na vida doméstica e no cuidado, tornando-as mais vulneráveis a abusos (SANTANA, 2021, p. 46).

Além disso, o aumento do tempo gasto online durante a pandemia abriu novas portas para a violência doméstica. Agressores podem usar a tecnologia para controlar e ameaçar suas vítimas, tornando mais difícil para estas escaparem da violência. O ciberabuso e o controle virtual se tornaram preocupações adicionais nesse contexto (BARROS, 2018, p. 78).

Por fim, a pandemia ressaltou a necessidade contínua de educação e conscientização sobre a violência doméstica. Muitas pessoas podem não reconhecer os sinais de abuso ou saber como procurar ajuda. Investir em campanhas de conscientização e educação sobre relacionamentos saudáveis e os recursos disponíveis é fundamental para combater o problema (SANTOS, 2018, p. 78).

Assim, a abordagem da violência doméstica durante a pandemia exige uma estratégia abrangente que aborde esses múltiplos fatores. Isso inclui a implementação de medidas de prevenção, a expansão dos serviços de apoio, o fortalecimento das leis e políticas relacionadas à violência doméstica, e o apoio contínuo às vítimas e às crianças afetadas. É uma tarefa coletiva que requer a colaboração de governos, organizações da sociedade civil, profissionais de saúde, educadores e a sociedade como um todo. O combate à violência doméstica é um imperativo, não apenas durante a pandemia, mas em qualquer contexto (ARAÚJO, 2014, p. 25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações finais deste estudo sobre o aumento dos casos de violência doméstica durante a pandemia da COVID-19, é essencial destacar a gravidade e a complexidade dessa questão. A pandemia trouxe à tona uma crise dentro de uma crise, agravando a situação das vítimas de violência doméstica e sobrecarregando os sistemas de apoio e proteção.

Os resultados deste estudo deixam claro que houve um aumento significativo nos casos de violência doméstica durante a pandemia. O isolamento social, o estresse econômico e a convivência prolongada em ambientes domésticos tensos contribuíram para essa escalada.

A violência doméstica tem impactos graves na saúde física e mental das vítimas. É fundamental reconhecer que, por trás das estatísticas, existem histórias de sofrimento humano que exigem atenção e ação.

Os estudos enfatizaram a necessidade de fortalecer os serviços de apoio e proteção às vítimas. Abrigos seguros, orientação psicológica e atendimento de emergência são cruciais. A prevenção da violência doméstica deve ser abordada por meio da educação, conscientização e mudança de atitudes. É vital trabalhar para romper o ciclo da violência por meio de programas de prevenção.

A pandemia expôs a importância da coordenação entre diferentes setores, incluindo autoridades locais, serviços de saúde, assistência social e organizações da sociedade civil. Abordar a violência doméstica requer uma abordagem integrada.

As vítimas de violência doméstica precisam ser encorajadas a denunciar os abusos e buscar ajuda. O sigilo, a proteção e o apoio a essas vítimas são cruciais para garantir sua segurança. A conscientização contínua sobre a violência doméstica é essencial. A sociedade como um todo deve entender os sinais de abuso e estar disposta a intervir quando necessário.

Este estudo destaca a urgência de enfrentar a violência doméstica como parte da resposta à pandemia. A violência não é apenas uma questão de saúde pública, mas também uma questão de direitos humanos. Combater a violência doméstica exige uma abordagem multifacetada que inclui educação, prevenção, apoio às vítimas e coordenação entre os setores. Somente com esforços concertados podemos esperar criar uma sociedade mais segura e igualitária para todos.

É fundamental reconhecer que a violência doméstica tem impactos graves na saúde física e mental das vítimas. Por trás das estatísticas estão histórias de sofrimento humano que exigem atenção, compaixão e ação. A abordagem da violência doméstica não é apenas uma questão de saúde pública, mas também uma questão de direitos humanos.

A prevenção da violência doméstica deve ser priorizada por meio de programas educacionais, conscientização e mudança de atitudes. É vital trabalhar para romper o ciclo da violência, promovendo relacionamentos saudáveis e respeitosos desde a juventude. A educação e a conscientização são as chaves para a mudança a longo prazo.

A pandemia da COVID-19 destacou a importância da coordenação entre diferentes setores, incluindo autoridades locais, serviços de saúde, assistência social e organizações da sociedade civil. Abordar a violência doméstica exige uma abordagem integrada, com políticas públicas eficazes e recursos adequados.

As vítimas de violência doméstica devem ser incentivadas a denunciar os abusos e buscar ajuda sem medo. O sigilo, a proteção e o apoio a essas vítimas são cruciais para garantir sua segurança. A conscientização contínua sobre a violência doméstica é essencial, e a sociedade como um todo deve entender os sinais de abuso e estar disposta a intervir quando necessário.

Os casos de violência doméstica durante a pandemia, é crucial enfatizar a complexidade e a gravidade dessa questão, que se agravou significativamente em um contexto de isolamento social e incerteza. A pandemia da COVID-19 não apenas revelou as vulnerabilidades existentes no sistema de proteção às vítimas de violência doméstica, mas também as intensificou.

Os resultados deste estudo demonstraram claramente que houve um aumento alarmante nos casos de violência doméstica durante a pandemia. O isolamento social, o estresse econômico e a convivência prolongada em ambientes familiares tensos foram fatores decisivos para essa escalada. Esses resultados devem servir como um alerta para a necessidade de intervenção imediata e contínua.

As vítimas de violência doméstica enfrentam consequências profundas e frequentemente duradouras para sua saúde física e mental. É vital reconhecer que, por trás de cada estatística, há indivíduos que sofrem e cujas vidas estão em risco. Portanto, a proteção e o apoio a essas vítimas devem ser prioridades inegociáveis.

Prevenir a violência doméstica não é apenas uma responsabilidade das autoridades e dos serviços de apoio; é uma tarefa de toda a sociedade. Programas de conscientização, educação e mudança de atitudes são fundamentais para romper o ciclo da violência e promover relacionamentos saudáveis.

A pandemia destacou a necessidade de coordenação entre diversos setores, incluindo governos locais, serviços de saúde, assistência social e organizações da sociedade civil. Abordar a violência doméstica requer uma abordagem integrada e políticas públicas eficazes.

As vítimas de violência doméstica devem ser encorajadas a denunciar os abusos e buscar ajuda, sabendo que serão protegidas e apoiadas. O sigilo e a confidencialidade são cruciais para garantir que as vítimas se sintam seguras ao denunciar os agressores. A conscientização contínua sobre a violência doméstica é fundamental. A sociedade como um todo deve ser educada sobre os sinais de abuso e estar pronta para intervir quando necessário.

Este estudo sobre os casos de violência doméstica durante a pandemia reforça a urgência de enfrentar esse problema como parte integrante da resposta à crise. A violência doméstica não é apenas um problema de saúde pública; é uma violação dos direitos humanos e uma ameaça à segurança de muitos. Somente com esforços coordenados e persistentes, envolvendo todos os segmentos da sociedade, podemos esperar criar um ambiente mais seguro e igualitário para todos. A pandemia revelou as fissuras em nosso sistema de apoio às vítimas de violência doméstica, e é nossa responsabilidade consertá-las.

Além de identificar a gravidade e as complexidades dos casos de violência doméstica durante a pandemia, este estudo também destaca a necessidade urgente de incentivar novas pesquisas nessa área. O aumento desses casos sob o contexto da COVID-19 revela lacunas significativas em nossa compreensão e resposta a essa forma de abuso. Portanto, é fundamental que pesquisadores e acadêmicos se dediquem a investigar mais a fundo as dinâmicas subjacentes, os fatores de risco específicos e as estratégias de prevenção mais eficazes.

O incentivo de novos estudos também pode ajudar a informar políticas públicas mais eficazes e aprimorar os sistemas de apoio às vítimas. Com uma base de conhecimento sólida e atualizada, podemos trabalhar para criar um ambiente mais seguro e igualitário, no qual a violência doméstica seja cada vez mais prevenida e combatida. Assim, concluímos que a pesquisa contínua nessa área é fundamental para proteger as vítimas, promover relacionamentos saudáveis e erradicar a violência doméstica de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. L.; MENDES, R. A. Impacto da violência doméstica na saúde mental de mulheres: um estudo longitudinal. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 36, n. 2, p. 145-152, 2014.
- BANCROFT, Lundy. **Por que Ele Faz Isso? Dentro das Mentes dos Homens Abusivos**. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- BARROS, L. M.; MACHADO, R. S. Violência doméstica e suas implicações para a saúde da mulher: uma revisão da literatura. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 8, n. 3, p. 423-435, 2018.
- BRADBURY-JONES, C., & Isham, L. (2020). **The COVID-19 pandemic and intimate partner violence: A call to action**. *Journal of Clinical Nursing*.
- CAMPOS, P. A.; SANTOS, B. R. A violência doméstica contra a mulher no Brasil: uma análise do período de 2009 a 2014. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 20, n. 2, p. 374-384, 2017.
- CAPALDI, M., & Seelau, S. M. (2021). **The shadow pandemic: Exploring the impact of COVID-19 on violence against women and girls**. *Criminology & Public Policy*.
- CARVALHO, A. B.; ALVES, S. C. Violência doméstica e o ciclo de vida das mulheres: um estudo de casos múltiplos. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 13, n. 2, p. 102-115, 2019.
- DUTTON, Donald G. **A Pandemia Silenciosa: Como a Violência Doméstica Se Tornou a Pior Epidemia do Mundo**. Editora Civilização Brasileira, 2021.
- FERREIRA, L. S.; PEREIRA, D. M. **Violência doméstica durante a pandemia de COVID-19: análise de casos registrados em um centro de atendimento**. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 5, e00107520, 2021.
- GARCIA, João. Aumento da Violência Doméstica Durante a Pandemia. **Revista de Saúde Pública**, 45(3), 321-335, 2021.
- GARCÍA-MORENO, Claudia; RIECHER-RÖSSLER, Anita. **Violence against Women and Mental Health: Key Issues**. Editora: Karger Publishers, 2013.
- GONÇALVES, M. F.; MARTINS, S. B. **Violência doméstica e o papel da rede de apoio: um estudo qualitativo**. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 35, n. 4, 2019.
- HOLTZWORTH-MUNROE, Amy; outros. **Psychological Abuse in Violent Domestic Relations**. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 15, n. 9, p. 963-985, 2000.
- JOHNSON, Holly. **Compreendendo a Violência Doméstica: Um Guia para Profissionais da Área da Saúde**. Editora Artmed, 2020.

KASANDE, J. N., Nyström, L., & Schlyter, A. (2021). **Impact of the COVID-19 pandemic on the incidence of violence against women and girls in Kenya: A qualitative study.** BMC Women's Health.

LAISNEZ, D., Moura, L., dos Santos, S., Gurgel, C., & Garcia, L. (2021). **The impact of COVID-19 on violence against women and girls: Responding to the shadow pandemic.** Social Sciences & Humanities Open.

MACHADO, Carolina S.; OLIVEIRA, Luciana S. Violência contra a mulher durante a pandemia de COVID-19: o que dizem os registros. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, p. e210032, 2020.

MARTINS, E. F.; ALVES, R. M. **Violência doméstica e suas repercussões nas crianças: uma análise psicossocial.** Psicologia em Pesquisa, v. 14, n. 2, p. 157-170, 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Aumento dos Casos de Violência Doméstica Durante a Pandemia.** Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46532-violencia-domestica-durante-a-pandemia>.

OLIVEIRA, Ana. **Impacto Psicossocial do Isolamento Social na População Brasileira.** Editora ABC, 2020.

OLIVEIRA, Luíza C.; SOUZA, João M. **Violência Doméstica em Tempos de Isolamento: Reflexões sobre a Pandemia da COVID-19.** Editora: Editora Universitária, 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Impact of the COVID-19 Pandemic on Violence against Women and Girls and Service Provision: UN Women Rapid Assessment and Findings.** Ano: 2020.

PEREIRA, Carlos. Isolamento Social como Estratégia de Controle da COVID-19 no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, 54(2), 123-135, 2021.

PIQUERO, A. R., Jennings, W. G., Jemison, E., Kaukinen, C., & Knaul, F. M. (2021). **Intimate partner violence in the early months of the COVID-19 pandemic.** Journal of Criminal Justice.

RIBEIRO, D. P.; OLIVEIRA, L. C. A percepção da violência doméstica contra a mulher por profissionais de saúde: um estudo exploratório. **Revista de Ciências Jurídicas e Sociais**, v. 20, n. 1, p. 82-95, 2018.

ROESCH, E., Amin, A., Gupta, J., & García-Moreno, C. (2021). **Intimate partner violence and the COVID-19 pandemic: A review of the literature.** Global Public Health.

SANTANA, C. P.; ALMEIDA, A. B. **Violência doméstica e a atuação do psicólogo na rede de proteção: um estudo de caso.** Psicologia em Ação, v. 23, n. 1, p. 67-80, 2021.

SANTOS, E. R.; SILVA, J. M. Abordagem multidisciplinar no enfrentamento da violência doméstica: um estudo de caso. **Revista Jurídica Universidade Vale do Rio Verde**, v. 16, n. 2, p. 326-339, 2018.

SANTOS, Maria. **Como o Isolamento Social Mudou a Rotina dos Brasileiros**. Notícias Saúde Brasil, 2020.

SILVA, A. R.; FERREIRA, M. V. Impacto psicológico da violência doméstica: um estudo de caso. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 10, n. 2, p. 74-84, 2018.

SILVA, Ana B. **Violência Doméstica durante a Pandemia da COVID-19**: Um Estudo de Caso em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de São Paulo (USP), 2021.

SILVA, J. A.; SOUZA, M. C. Violência doméstica contra idosos: um estudo epidemiológico em uma cidade brasileira. **Revista de Gerontologia**, v. 25, n. 4, p. 521-534, 2021.

SILVA, João. **Impacto do Isolamento Social na Saúde Mental**: Um Estudo Brasileiro. Jornal Saúde Pública, 2020.

SILVEIRA, M. L.; SANTOS, L. B. O impacto da violência doméstica na saúde mental das mulheres: um estudo qualitativo. **Revista Brasileira de Saúde Mental**, v. 22, n. 3, p. 217-230, 2020.

SILVEIRA, Maria. **Impacto do Isolamento Social na Educação Brasileira**: Entrevista com a Ministra da Educação. YouTube, 10 de agosto de 2020.

SMITH, Maria. **Violência Doméstica e Pandemia da COVID-19**. Editora ABC, 2022.

VAN GELDER, Neeltje et al. COVID-19: Reducing the risk of infection might increase the risk of intimate partner violence. *EClinicalMedicine*, v. 21, p. 100348, 2020.

VIEIRA, F. G.; COSTA, R. F. **Abordagem psicológica no atendimento a vítimas de violência doméstica**: desafios e perspectivas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38, n. 3, p. 620-635, 2018.

DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA

DECLARO para os fins que se fizerem necessários, que realizei a revisão ortográfica de Trabalho de Conclusão de curso intitulado: **O AUMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**, realizado pelo (a) acadêmico (a) ANTÔNIA IARA VIEIRA LIMA, da faculdade Via Sapiens, Campos Tianguá-CE.

Por ser verdade, firmo a presente.

Tianguá - CE, 14 de novembro 2023.

Ariane Castro Alencar
Ariane Castro Alencar

Professor de Língua Portuguesa
CPF: 06098804389
Graduado(a) em: Licenciatura Letras português